

SAÚDE COLETIVA APLICADA

Gilmar Gonçalves da Costa

2024

Costa, Gilmar Gonçalves da

Saúde Coletiva Aplicada / Gilmar Gonçalves da Costas – São Paulo; Clube dos Autores, 2024.

ISBN: 9798327497856

iD ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1722-0843>

Palavras-chave: Saúde, Coletiva, Aplicada.

SUMÁRIO

Apresentação	03
1. Introdução geral: Acepção conceitual	04
2. A Teoria dos Sistemas por trás da Saúde Coletiva	11
3. Espiritualidade e psiquiatria: nicho da Ciência da Religião Aplicada	30
4. A linguagem como método de trabalho para as investigações da Ciência da Religião	49
5. A subjetividade em kant por trás da saúde pública	74
6. Conceito de Saúde Coletiva na Crítica da Razão Pura	95
7. A Ciência da Religião aplicada à Saúde Coletiva	120
8. A religiosidade na saúde pública: prognostica da Ciência da Religião	140

Apresentação

“Saúde Coletiva Aplicada: travessias e sensações”, constituinte de alguns artigos acadêmicos inéditos e, ao abrir caminho à consciência para a proeminência eficaz da saúde, despojará de suas aparências: a de estar preso a algo estranho, que só para ela, e que é comum a outro. Aqui a aparência de sua arquitetura e engenharia se torna igual à essência, de modo da ciência da saúde aplicada em suas travessias e sensações. Como pretende uma digna uma digna instrumentalização e operacionalizações dos elementos intelectuais e técnicos aplicados às dimensões humanas do próprio saber absoluto. Ao publicar esta obra fica a contribuição da relação das ciências da saúde com a ciência da religião construindo um sistema que desempenha funções teóricas fundamentais para o exercício intelectual e para a *práxis* social: é uma introdução da ciência da religião da saúde aplicada. Isso significa que esta ciência está dentro das ciências da saúde e das relações entre as outras áreas de conhecimento; por isso o trabalho passa pelas ciências humanas e pelas ciências da saúde em um estado sistemático de conceitos e acepções de teorias. A temática proposta não se dá esforço de esgotar este pensar, mas provoca-lo a pensa-lo ainda mais. Assim foi traçado o caminho deste empreendimento querendo constituir expressões teóricas e prática sobre a relação entre Saúde coletiva e qualidade de vida, com um caráter preliminar nas pegadas da ciência da religião.

1. Introdução geral: Acepção conceitual

Poiesis é um termo grego que significa produção ou reprodução. Sendo assim, autopoiese quer dizer autoprodução. A palavra surgiu pela primeira vez na literatura internacional em 1974, num artigo publicado por Varela, Maturana e Uribe, para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. Esses sistemas são autopoieticos por definição, porque recompõem, de maneira incessante, os seus componentes desgastados. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto. Para Maturana, o termo “autopoiese” traduz o que ele chamou de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. Para exercê-lo de modo autônomo, eles precisam recorrer a recursos do meio ambiente. Em outros termos, são ao mesmo tempo autônomos e dependentes. Trata-se, pois, de um paradoxo. Essa condição paradoxal não pode ser bem entendida pelo pensamento linear, para o qual tudo se reduz à binariedade do sim/não, do ou/ou. Diante de seres vivos, coisas ou eventos, o raciocínio linear analisa as partes separadas, sem empenhar-se na busca das relações dinâmicas entre elas. O paradoxo autonomia-dependência dos sistemas vivos é melhor compreendido por um sistema de pensamento que englobe o raciocínio sistêmico (que examina as relações dinâmicas entre as partes) e o linear. Eis o pensamento complexo, modelo proposto por Edgar Morin. A conjectura, na teoria dos sistemas de Lhumann (2009), faz-se necessário trazer para nossa escreve quatro conceitos explorados por ele e plausíveis para uso na saúde coletiva e para a saúde pública, conforme é expressa nos capítulos que constituem o presente livro. O primeiro é sobre o papel do observador. Segundo ele o conceito de observador contem conhecimento, racionalidade e empirismo que não tem sido sistematizada na literatura, muito menos nas aras da saúde. É um conceito que tem implicação na área da multidisciplinaridade, sendo um tipo de observação entre muitos outros pode mudar concepções, pela sua natureza ser a de circular informações. Para ele,

observa é uma operação que só se realiza como um acontecimento instantâneo, mas sem perder de vista que o observador é um modelo reduzido; objetivo primeiro é observar, segundo a avaliar. O segundo conceito é o da complexidade. Seu princípio é focar na questão racional, observando signos, significados e significante dos usuários, paciente, da saúde pública e coletiva. O ponto central dele são as deliberações, complexas, residida na diferença da complexidade que se estabelece entre o sistema e o meio, como ponto de partida para melhor qualidade de vida das pessoas. Segundo Lhumann, esse sistema não pode se sujeitar uma variedade; porque a saúde lida com vidas, mesma que as coisas da vida não são suficientes. Assim esses conceitos requerem desenvolvimentos de uma disposição especial para enclausurar-se em si mesmo. O terceiro conceito que se apresenta é sobre Sentido. A ponto que faz ligação com ele é o observador. Reflexões do conceito sobre sentido deve situar no marco da referência de um observador; por que não é possível imaginar uma observação que não traga implícito o sentido. A especificidade de sentido está contida nisto que é, e não é? Quanto introduz essa categoria nos meios de saúde muitas questões relativas à observação, complexidade e sentido são melhores trabalhado pelos profissionais da saúde em prol da melhor eficiência do atendimento com os pacientes. O quito conceito trabalhado por Lhumann é autopoiesis. Esse sistema é vinculante ao *input* e *autopunt* comunicam com louvor o conceito de autopoiesis; por ele está relacionado ao transmissor, ao receptor, a mensagens contexto e o significado. Ele exige que se identifique exatamente a operação realizada entres os sistemas de comunicação, observador, mensagens, receptor, complexidade e sentido, delimitando, assim, os sistemas, suas capacidades e impactos. Excluem-se com isso todas as psicologias da unidade dos elementos dos sistemas sociais da saúde; mas tais sistemas não constam nos sistemas psíquicos de seres humanos de carne e osso; porque ele configura e reconfigura contextos muito compactos. Portanto, a comunicação tem todas as propriedades necessárias para constituir nos princípios de autopoieses dos sistemas sociais. Ela é uma operação

genuinamente social e, a única enquanto tal, porque propõem o concurso de um grande número de sistemas de consciência, embora, principalmente por isso, enquanto unidade, ela não passa ser imputada a nenhuma consciência isolada. Os resultados obtidos de pesquisadores e de professores revelam que a saúde pública é compreendida como dever do Estado na prestação de serviços de prevenção e assistência à saúde. Já a saúde coletiva é associada ao bem-estar físico, mental e social da população. Mas uma coisa não se pode não elas são áreas da saúde multidisciplinar e interrelacionadas. A saúde pública é uma área do conhecimento ligado ao diagnóstico e ao tratamento de doenças, de modo dentro de uma comunidade possa garantir e assegurar ao cidadão um padrão de vida que garanta assistência à saúde. Já a saúde coletiva, por outro lado, surge para designar novos conceitos e projeções da disciplina. Já a Saúde Coletiva se propõe a utilizar como instrumentos de trabalho a epidemiologia social ou crítica que, aliada às ciências sociais, prioriza o estudo da determinação social e das desigualdades em saúde, o planejamento estratégico e comunicativo e a gestão democrática. De acordo com Brena, a APS é uma das questões que garante o atendimento mais abrangente em qualquer situação, inclusive no atual contexto do coronavírus. “No caso do Brasil, onde há grande desigualdade social, a capilaridade da APS, ou seja, sua capacidade de chegar perto de onde as pessoas vivem, é essencial (VELOSO, 2016). Isso significa para Sousa (2014, p.7) que a “Saúde Pública e Saúde Coletiva têm significados idênticos ou distintos?” mesma sendo dimensões distintas “na prática, há diversas instituições - de pesquisa, de ensino e de prestação de serviços - que se reconhecem como pertencentes à mesma área e que adotam uma ou outra expressão para se identificar. Nesse caso, Saúde Pública e Saúde Coletiva têm significados equivalentes” (SOAUSA, 2017, p.7). Embora a Associação Brasileira de Pós-Graduação em saúde coletiva afirma que construí prática críticas à estrutura e desenvolvimento da saúde pública e de proporção a construir um espaço coletivo de alternativa à digna qualidade da saúde coletiva proporcional as necessidades dos

profissionais e dos usuários da saúde. Desde sempre a saúde da coletividade tenha sido objeto de intervenções, demonstrando que é no momento da consolidação dos Estados nacionais modernos, com o mercantilismo e o absolutismo, que as populações passam a ser consideradas em si mesmas uma riqueza a ser preservada e multiplicada. Cabe ao Poder Público, então, contar o número de súditos, conhecer suas condições de vida - incluindo as taxas de natalidade e de mortalidade - e agir para promover o crescimento e a saúde da população. Foucault (FOUCAULT, 1979), analisando a Modernidade, identifica nesse período o nascimento da medicina social, definida como uma estratégia do biopoder, ou seja, de domínio da sociedade sobre os indivíduos por meio do controle dos corpos humanos. Essa estratégia assume características particulares nos três países mais avançados na industrialização: a medicina da força de trabalho, que recomenda mudanças nas condições ambientais, particularmente, fabris, na Inglaterra; a medicina urbana, que orienta o planejamento urbanístico, na França; e a medicina de Estado, que impõe o controle estatal do comportamento dos indivíduos, na Alemanha. Por isso que se deve ficar atento sobre as formas de subjetividade e sobre as formas de conhecimento porque:

“Deve-se então recolocar o conceito de descontinuidade no seu devido lugar. Talvez haja um outro conceito mais importante, mais central no seu pensamento: o conceito de acontecimento. Ora, a respeito do acontecimento, uma geração ficou durante muito tempo num impasse, pois, depois dos trabalhos dos etnólogos e mesmo dos grandes etnólogos, estabeleceu-se uma dicotomia entre as estruturas (aquilo que é pensável) e o acontecimento, que seria o lugar do irracional, do impensável, daquilo que não entra e não pode entrar na mecânica e no jogo da análise, pelo menos na forma que tomaram no interior do estruturalismo” (FOUCAULT, 1979, p.6).

A proposta do SUS é apresentada, com uma abordagem didática, lúdica e criativa, os aspectos mais essenciais da saúde no Brasil e, ao fazê-lo, estimular a reflexão sobre o papel de cada um e consequentemente sobre a importância da participação social para a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) em nosso País. A saúde no Brasil tem avanços históricos como a descentralização, a municipalização de ações e serviços, a melhoria e a ampliação da atenção à saúde, o fomento à vigilância em saúde e sanitária e o controle social com a atuação dos conselhos de saúde. É dever de todos nós popularizar o SUS como um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, que busca garantir o acesso à saúde para promover a melhor qualidade de vida. Porque é importante ao texto de Foucault, veja:

“O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos. A "dialética" é uma maneira de evitar a realidade aleatória e

aberta desta inteligibilidade reduzindo-a ao esqueleto hegeliano; e a "semiologia" e uma maneira de evitar seu caráter violento, sangrento e mortal, reduzindo-a à forma apaziguada e platônica da linguagem e do diálogo” (FAUCAULT, 1979, p.7).

Diante desse panorama Foucault, na “Micro física do poder”, elabora três críticas aplicáveis à, mas tem-se a noção do sus como ideologia e canais de recurso públicas utilizadas indevidamente. Observe-se:

“A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções” (FAUCAULT, 1979, p.7-8).

Finalmente, dado um cenário inercial provável, sem mudanças significativas nas condições atuais, com o sistema público de saúde em uma situação de restrições econômicas e fragilidade política, mas com capacidade de resistência e avanços pontuais, por meio de iniciativas racionalizadoras das políticas de saúde, a Saúde Coletiva manteria a trajetória dos últimos anos, persistindo como área de conhecimento reconhecida, mas, ao mesmo tempo, teria limitações importantes quanto ao apoio a medidas concretas de intervenção e fortalecimento do Sistema Único de Saúde de acordo com seus princípios constitucionais. Ao mesmo tempo, a Saúde Pública

institucionalizada manteria suas atividades isoladas e orientadas para o controle de riscos e a prevenção de doenças, com base na concepção biomédica da saúde (SOUSA, 2014). Soma-se a isso a colocação de Juvenal Soares Dias da Costa:

“A expressão “problema de saúde pública” as seguintes respostas foram encontradas na primeira página: estresse, distúrbio do sono, acidentes de trânsito, filariose linfática, ruído, esquizofrenia, infecções sexualmente transmissíveis, sífilis e abortamento. Uma pesquisa mais detalhada evidenciou inúmeras outras morbidades, muitas das quais de baixa frequência na população. Talvez na tentativa de valorizar teses ou dissertações, observa-se que muitos autores utilizam constantemente a expressão “problema de saúde pública” em relação ao seu tema. Vale indagar se temas tão diferentes O que é “um problema de saúde pública”? podem ser caracterizados como verdadeiros “problemas de saúde pública”. Na tentativa de encontrar definição sobre o que constitui um “problema de saúde pública” recorreu-se a uma breve revisão de alguns textos clássicos de medicina preventiva e de saúde pública. Alguns textos consultados omitiram a definição procurada¹⁻³, provavelmente porque não previam o amplo uso da expressão” (COSTA, 2006, p.144).

Por que a Saúde Pública e a Saúde Coletiva apresentam, dentre muitas, neste livro, dez dimensões críticas: A Teoria dos Sistemas por trás da Saúde Coletiva, Espiritualidade e psiquiatria: nicho da Ciência da Religião Aplicada, Linguagem como método de trabalho para as investigações da Ciência da Religião, A subjetividade em kant por trás da saúde pública, Conceito de Saúde Coletiva na Crítica da Razão Pura, A Ciência da Religião aplicada à Saúde Coletiva Pública, A sociopatia das ideias na vida cotidiana da saúde pública, A religiosidade na saúde pública: prognostica da Ciência da Religião e Ciência da Religião aplicada: um olha sobre o Parlamento Mundial de

Religiões; abordadas respectivamente. Conforme estas acepções, a seguir estará estudos sobre, a teoria dos sistemas por trás da saúde coletiva, a espiritualidade e psiquiatria: nicho da Ciência da Religião Aplicada, a linguagem como método de trabalho para as investigações da Ciência da Religião, a subjetividade em kant por trás da saúde pública, o conceito de Saúde Coletiva na Crítica da Razão Pura, a Ciência da Religião aplicada à saúde coletiva, a religiosidade na saúde pública: prognostica da Ciência da Religião, Ciência da Religião aplicada: um olha sobre o Parlamento Mundial de Religiões e; sobre a sociopatia das ideias na vida cotidiana da saúde pública.

2. Teoria dos Sistemas por trás da Saúde Coletiva

Resumo: O presente texto tem como objetivo discutir propondo, implicitamente, operacionalização de execução *práxis* da ciência da religião para a Saúde Coletiva através da Teoria dos Sistemas. Implantação de um novo modelo acadêmico, a Universidade Nova. A proposta é de que o aluno novato desta disciplina tenha uma formação universitária geral e interdisciplinar, como pré-requisito para prosseguir com seus estudos e só após esta maturação ele seguiria para uma formação específica. O modelo visa um currículo mais abrangente e com garantia de mobilidade intra e interdisciplinar, integrando a graduação à pós-graduação. O modelo Universidade Nova corrobora com o renomado geógrafo Milton Santos em sua proposta "Por uma Geografia Nova", quando exalta a importância da compreensão espaço-tempo como produtor de uma cosmologia aberta, de um universalismo empírico e a consequente valorização da epistemo-diversidade. A integração de modelos, formas de pensar e agir propicia a construção de novos modos de produção e de se perceber a complexidade do mundo. Para que este modelo seja implantado, a grande questão que se coloca é a superação de antigos paradigmas presentes nas universidades, sua tradição cartorial e seus resquícios dogmáticos desde a reforma universitária do regime militar. Espera-se que este texto atinja as três grandes áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências da natureza e a ciências da saúde.

Palavra-chave: Saúde, Coletivo, Sistema, Teoria.

2.1. Introdução

Inicialmente é relevante distinguir que os resultados obtidos pela Academia e pelo Ministério da Saúde os quais revelam que a saúde pública é compreendida como dever do Estado na prestação de serviços de prevenção e assistência à saúde. “Já a saúde coletiva é associada ao bem-estar físico, mental e social da população” (VELLOSO, 2013, p.257). Ou seja, saúde pública é uma área do conhecimento ligado ao diagnóstico e ao tratamento de doenças, de modo dentro de uma comunidade possa garantir e assegurar ao cidadão um padrão de vida que garanta assistência à saúde. Já a saúde coletiva, por outro lado, surge para designar novos conceitos e projeções da disciplina. Conquanto, a Saúde Coletiva Campo de ações e saberes voltados para a promoção, proteção e recuperação da saúde das populações, respeitando suas diversidades – entendendo saúde não apenas como ausência de doença, mas um processo que envolve questões: epidemiológicas, socioeconômicas, ambientais, demográficas e culturais. No salto dessas nuances, Darci Neves Santos (2011), em seu livro intitulado “Aprender fazendo: a interdisciplinaridades na formação da saúde coletiva”, propõem a

“implantação de um novo modelo acadêmico, a Universidade Nova. A proposta é de que o aluno novato tenha uma formação universitária geral e interdisciplinar, como pré-requisito para prosseguir com seus estudos e só após esta maturação ele seguiria para uma formação específica. O modelo visa um currículo mais abrangente e com garantia de mobilidade intra e interdisciplinar, integrando a graduação à pós-graduação. O modelo Universidade Nova corrobora com o renomado geógrafo Milton Santos² em sua proposta "Por uma Geografia Nova", quando exalta a importância da compreensão espaço-tempo como produtor de uma cosmologia aberta, de um universalismo empírico e a consequente valorização da epistemo-diversidade. A integração de modelos, formas de pensar e agir propicia a

construção de novos modos de produção e de se perceber a complexidade do mundo. Para que este modelo seja implantado, a grande questão que se coloca é a superação de antigos paradigmas presentes nas universidades, sua tradição cartorial e seus resquícios dogmáticos desde a reforma universitária do regime militar” (AMPARO, 2011, p.1511).

2.2. Em uma perspectiva multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar a Teoria dos Sistemas está intimamente relacionada e aplicada à Saúde coletiva, sobretudo as vinculadas à participação da família, sobretudo, da mulher, para a qualidade de vida proeminentemente eficaz e permanente. As magistrais categorias desta Teoria, perfil, contorno gráfico e representação no constituem um artigo acadêmico redondo, com dificuldades no sentido costumeiro. Mas eles permitem reflexões cátedras registradas em bases teóricas e empíricas teoricamente em fitas magneto fônicas para um empreendimento como este. Ao lembrar a riqueza epistemológica, metateórica, sociológica e psicológica das reflexões dos conteúdos ministrados durante o curso de mestrado em Ciência da Religião pela PUC-SP, em que a principal preocupação do autor se tornou a aplicabilidade desta ciência na sociedade através da Teoria dos Sistemas, faz-se necessário socializar seus aprendizado com os seus grandes professores, como Frank Usarski, Edênio Valle, Maria José, João Décio Passos, Pedro Lima Vasconcellos, até porque são pesquisadores formados no meado do século passado e, que bebeu, de fontes de autores do início do século XIX e final do século XII. É neste universo que este texto se referênciava na Teoria dos Sistemas para refletir e compreender melhor o sistema de Saúde Coletiva do Brasil. Para tal, o presente texto fundamentou, principalmente, nas análises de Ludwig von Bertalanffy nas temáticas, como o significado da Teoria dos Sistemas, considerações elementares das Ciências da Natureza, processos que constroem os processos dos sistemas sociais, percepções dos

conceitos de *input* e *output*; bem como a Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann, como as categorias de objetivação e subjetivação. Portanto, foi abordado três grades temas sobre a temática proposta: o perfil da saúde coletiva atrás da Teoria dos Sistemas, o contorno gráfico da Saúde Coletiva atrás da Teoria dos Sistemas e; a representação da Saúde Coletiva atrás da Teoria dos Sistemas. Diante deste contexto, para refletir sobre Teoria dos Sistemas por trás da Saúde Coletiva fará um estudo abordará, a seguir, o perfil da saúde coletiva atrás da Teoria dos Sistemas, o contorno gráfico da Saúde Coletiva atrás da Teoria dos Sistemas e, sobre a representação da Saúde Coletiva atrás da Teoria dos Sistemas.

2.3. O perfil da saúde coletiva atrás da Teoria dos Sistemas

A presente seção preocupa-se em analisar o perfil da saúde coletiva, em especial, a do Brasil através da Teoria dos Sistemas publicada em 1968, por Ludwig von Bertalanffy e, complementadas por outros autores que dedicam à teoria dos sistemas nos vários espaços geográficos, históricos, filosóficos, sociológicos, antropológico; bem como da área das ciências da natureza e das ciências da saúde, em especial o campo da medicina. Para com estas palavras iniciais Bertalanffy diz que,

“se alguém analisasse as noções atuais e as tendências da moda palavras-chave, ele encontraria “sistemas” no topo da lista. O conceito permeou todos os campos da ciência e penetrou na cultura popular. pensamento, jargão e meios de comunicação de massa. O pensamento sistêmico desempenha um papel dominante em uma ampla gama de campos, desde empresas industriais e armamentos para tópicos esotéricos da ciência pura. Inumeráveis publicações, conferências, simpósios e cursos são dedicados a ele. Nos últimos anos surgiram profissões e empregos que,

desconhecidos há pouco tempo, se enquadram em nomes como design de sistemas, análise de sistemas, engenharia de sistemas e outros. Eles são o núcleo de uma nova tecnologia e tecnocracia; seus praticantes são os "novos utópicos" do nosso tempo que -em contraste com a raça clássica cujas ideias permaneceram entre as capas dos ganchos - estão trabalhando criando um Novo Mundo, corajoso ou de outra forma” (BERTALANFFY, 1968, p.3).

O perfil do significado da saúde coletiva através da Teoria dos sistemas é um delineamento de um rosto visto de lado, como um contorno gráfico de uma figura, de um objeto, visto apenas por um dos lados de forma ignaramente. Contorno do rosto de uma pessoa, vista de lado é como um aspecto, representação de um objeto, visto de um dos seus lados, do que representa ser e de quem ver. Portanto, perfil é um conjunto dos traços do rosto de uma pessoa visto de lado, representação de um objeto visto de lado; um aspecto. Descrição em traços rápidos de alguém, retrato moral de uma pessoa, confirme conjunto das informações pessoais que identificam o usuário (nome, idade, profissão, cidade de nascimento etc.) disponíveis em redes sociais, sites, blogues. Reunião das qualidades pessoais ou profissionais que torna alguém apto para um trabalho, cargo, atividade: seu perfil não se encaixa nesta empresa. Desenho de um corte perpendicular de cima a baixo de um edifício. É vasta seu delineamento. Conforme Bertalanffy, a base o pé são suportes, raízes para o desenvolvimento complexo dos sistemas, com por exemplo, um aspecto é o desenvolvimento da engenharia de energia; isto é, a liberação de grandes quantidades de energia como em máquinas a vapor ou elétricas para controlar engenharia, que direciona processos por dispositivos de baixo consumo de energia e levou aos computadores e à automação. Máquinas autocontroladas surgiram, desde o termostato humbie dornestic até os mísseis autodirecionados da Segunda Guerra Mundial e o imensamente melhorado mísseis de